

O PRIMEIRO DISCURSO TEOLÓGICO DE GREGÓRIO NAZIANZENO: INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO RÍTMICA E NOTAS

Érico Nogueira
Universidade de São Paulo

Resumo

O objetivo deste artigo é traduzir em português – com introdução e notas – o Discurso XXVII de Gregório Nazianzeno, o primeiro dos cinco *Discursos Teológicos*. Trata-se de reconfigurar, em nossa língua, não só o encadeamento lógico dos argumentos e os característicos da elocução, mas também, e especialmente, o próprio *ritmo* dos períodos, membros, incisos e cláusulas. Busca-se, assim, contribuir com os estudos especializados do ritmo na prosa artística greco-latina, e incrementar a pesquisa interdisciplinar, com ênfase nas relações entre teologia e retórica na Antiguidade tardia.

Palavras-Chave: Gregório Nazianzeno; Teoria e Prática da Tradução; Patrística Grega; Retórica e Teologia; Ritmo.

Abstract

We aim to produce a Portuguese translation, with introduction and notes, of Gregory Nazianzen's Oration XVII, the first of the so-called *Theological Orations*. This means to re-enact the original's logical flow and style, and, above all, the very *rhythm* of its periods, cola, commata, and clausulae, thus advancing the study of rhythm in Greek and Latin artistic prose, and fostering the elucidation of the role of rhetoric in Late Antique theology.

Key Words: Gregory Nazianzen; Translation Studies; Patristics; Rhetoric and Theology; Rhythm.

1. Introdução

1. 1. Brevíssima Fortuna Crítica

Gregório Nazianzeno (ca. 329-390 d.C.), bispo de Nazianzo e arcebispo de Constantinopla, é possivelmente o mais importante e celebrado teólogo do século IV¹. Autor de quarenta e cinco discursos, duzentas e quarenta e seis epístolas, e quatrocentos e seis poemas (cerca de dezessete mil versos, no total)², ele foi o grande responsável pelo estabelecimento definitivo do dogma da Trindade³, exercendo tamanha influência que,

¹ Cf., entre os trabalhos mais recentes, a detalhada biografia intelectual de Gregório escrita por McGuckin, 2001. O trabalho clássico de Plagnieux, 1948, em muitos aspectos permanece atual – sobretudo no teológico.

² A extensa obra de Gregório ocupa quatro grossos volumes da *Patrologia Grega* de Migne, isto é, os de número XXXV, XXXVI, XXXVII e XXXVIII.

³ Cf. Beeley, 2008, pp. 3-62. Sobre a importância incomparável da Trindade na teologia cristã – donde se mede o valor da contribuição de Gregório –, veja-se o *Catecismo da Igreja Católica*, parágrafos 232-267, em especial o

sessenta anos após sua morte, o Concílio de Calcedônia (451 d.C.) já o declarava “o Teólogo” por antonomásia, título honorífico por que ainda hoje é conhecido na Igreja Oriental. De sua obra volumosa e variada, os discursos cedo se destacaram⁴. Traduzidos em latim⁵, siríaco, copta, georgiano, armênio, etíope, eslavo e árabe, Idade Média afora, eles foram o modelo incontestável da homilética bizantina, e, na mesma tradição, objeto de uma pletora de escólios, paráfrases e comentários dos mais variados matizes e filiações – do gramatical e retórico ao teológico e dogmático⁶ – até o meado do século XIII.

Sem embargo disso, e a despeito do interesse mais ou menos constante de estudiosos e tradutores modernos neste ou naquele aspecto, gênero, ou porção da obra do Teólogo⁷, é curioso observar que ela parece ter sido relativamente negligenciada, do início do século XIX até o meado do XX, em comparação com o volume de publicações sobre Basílio Magno, Gregório de Nissa, ou João Crisóstomo, por exemplo, que foram seus exatos contemporâneos⁸. A julgar pelos argumentos de Hofer⁹, que nisto segue a Beeley¹⁰, essa como negligência relativa, ou carência módica, de estudos e traduções modernas da obra do Nazianzeno se deveu principalmente ao rebuscado da elocução e, conseqüentemente, ao assistemático da teologia que elabora e expõe. Limitando-nos à oratória – parte mais extensa de um extenso corpus, e, em particular, a em que o autor tece mais ampla e detalhadamente sua malha teológica –, as prescrições do gênero e o caráter sempre circunstancial dos discursos certamente contrastam com a feição discursiva que a teologia veio a assumir no

261: “O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. Só Deus no-lo pode dar a conhecer, revelando-se como Pai, Filho e Espírito Santo”.

⁴ Seja em quantidade, seja em qualidade, constituem o grosso de sua obra. Neles – mas também nas epístolas e em muitos poemas –, Gregório se apresenta, sobretudo, como rétor-filósofo, bem nos moldes da Segunda Sofística, que ele soube cristianizar. Trata-se de opinião já antiga, aliás, como o atesta Jerônimo, *De viris illustribus* CXVII: “Gregorius, Nazianzenus episcopus, vir eloquentissimus”. “Gregório, bispo de Nazianzo, varão eloquentíssimo”. Esta e todas as traduções não abonadas são de nossa autoria. Cf., do próprio Gregório, o Discurso II, dito *Apologético*, e o longo *Carmen de Vita Sua*. Dos modernos, veja-se McGuckin, 2001, *passim*, e Kennedy, 1983, pp. 215-239.

⁵ Trata-se das célebres – e pioneiras – traduções de Rufino, publicadas por volta de 400 d.C.: Discursos II, VI, XVI, XVII, XXVI, XXVII, XXXVIII, XXXIX e XLI. Foram precisamente os que Agostinho leu, e de que citou passagens em sua querela contra os pelagianos – para ficar apenas num exemplo famoso. Cf., para uma edição moderna dessas traduções, Engelbrecht, 1910.

⁶ Cf., para a fortuna de Gregório no período bizantino, Conley, 2002-2003, e sobretudo Way, 1971, pp. 46-47. É a mesma Way, aliás, à p. 47 do seu estudo notável, quem nos afiança o que referimos acima, no corpo do texto: “The thirteenth century seems to have brought to an end the work of the Greek scholiasts and commentators on Gregory’s works, but the great number of Greek manuscripts of his complete works or of individual works, especially from the tenth century through the sixteenth, testifies to the continuing interest taken in the author”.

⁷ Cf. Way, 1971, pp. 48-53, e em especial p. 50, em que, depois de recensar os estudos e traduções da obra de Gregório entre os séculos XVI e XVIII, ela observa o seguinte: “In more modern times, though not as much work has been done on Gregory Nazianzen as on some other Christian writers, many translations and studies on his life and writings have been published”.

⁸ Cf. Ruether, 1969, p. 1.

⁹ Hofer, 2013, p. 4.

¹⁰ Beeley, 2008, p. 3.

Ocidente, de que o estilo tenuíssimo de Tomás de Aquino¹¹, principal teólogo da cristandade ocidental¹², é a expressão consumada e modelar. Por maneira que, se se toma a tradição escolástica como paradigma, caracterizada por rigoroso encadeamento silogístico dos argumentos, e elocução simples e clara, os discursos de Gregório, que argumenta por entimemas em estilo ornadíssimo, seriam antes da alçada da retórica, entendida pejorativamente como sofística, que da teologia rigorosa ou filosofia *tout court*. O que explicaria sua preterição relativa – até muito recentemente.

Ora, o fato é que esse quadro começou a mudar nas últimas décadas. Como Beeley bem apontou¹³, os últimos quarenta ou cinquenta anos acusam um incremento nunca antes visto dos estudos sobre Gregório¹⁴, nos mais diversos campos do saber, segundo as mais distintas orientações e com as mais diferentes abordagens. Ainda assim, e apesar da meticulosa atenção que sua obra vem recebendo ultimamente, força é reconhecer uma clivagem clara, iniludível, entre, de um lado, trabalhos de cunho teológico, filosófico ou doutrinal – que são a acachapante maioria –, e, do outro, uma minoria de estudos de cariz linguístico, retórico ou filológico. Se, porém, o que Gregório compõe, com seus discursos, é teologia retórica, ou retórica teológica, isto significa que retórica e teologia – e, logo, também filosofia – estão aí inextricavelmente amalgamadas, o que de per si exige uma abordagem múltipla, interdisciplinar, para estudá-los segundo esta especificidade. Tanto quanto pudemos averiguar, não há nenhum trabalho antigo ou moderno voltado exclusiva e exaustivamente à relação indissociável entre elocução e doutrina, estilo e teologia, ritmo e argumentação nos discursos do Nazianzeno. Com efeito, os trabalhos seminais de Guignet¹⁵ e Focken¹⁶ tratam, respectivamente, da técnica retórica e do método argumentativo do autor, e não ferem questões de ordem teológica ou filosófica. Já Ruether, estribando-se em leitura tradicional, e bem documentada, do *Górgias* de Platão, considera que filosofia e retórica talvez não sejam passíveis de síntese, e, logo, enxergando um conflito insolúvel na vida e obra do Nazianzeno, trata de ambas – retórica e filosofia – separadamente, em seu trabalho¹⁷. Essa interpretação foi

¹¹ Cf., a propósito dos gêneros literários e procedimentos compositivos de Tomás, o estudo clássico de Chenu, 1950, pp. 66-172.

¹² Cf., por exemplo, João Paulo II, 1998, p. 35 (parágrafo 43): “... Santo Tomás foi sempre proposto pela Igreja como mestre de pensamento e modelo quanto ao reto modo de fazer teologia”.

¹³ Beeley, 2012, pp. ix-xiv.

¹⁴ Cf., para uma bibliografia quanto possível completa, McGuckin, 2001, pp. 409-426 – que inclui trabalhos em grego moderno –, e, mais recentemente, o mesmo Beeley, 2012, pp. 285-304.

¹⁵ Guignet, 1911.

¹⁶ Focken, 1912.

¹⁷ Ruether, 1969.

vitoriosamente contestada por Norris¹⁸, e, antes dele, por Kennedy¹⁹; no entanto, ao estudar os *conceitos* de filosofia e retórica que se dessumem da obra de Gregório, e que indicam sua síntese, Norris não demonstrou esta síntese *na prática*, a qual, previsivelmente, exigiria que se identificassem e descrevessem os característicos elocutórios – incluindo aí figuras, tropos e o próprio ritmo – das teses teológicas e posições filosóficas do autor, e de que maneira os primeiros e as últimas se inter-relacionam.

Volto a Guignet. Aprofundando um famoso comentário de Norden, para quem o traço distintivo da dição de Gregório são as antíteses, reforçadas pelo isocólon e o homeoteleuto²⁰, Guignet elencou, com exemplos tirados dos discursos, os principais tropos e ornatos do Nazianzeno, e, ao tratar das ditas figuras gorgiânicas, observou como as antíteses são um recurso especialmente apto à expressão dos mistérios da teologia cristã – e também à exegese dos Testamentos, claro, tão marcados pelo paradoxo²¹. Sem ter desenvolvido esta intuição para além de sua formulação perspicaz, Guignet, no entanto, indicou um caminho a seguir, e esboçou um programa a que desejamos dar cores vivas e contornos bem definidos, embora limitados ao escopo de um artigo – qual seja, traduzir retoricamente, com atenção particular aos ornatos e ao *ritmo*, o primeiro Discurso Teológico de Gregório Nazianzeno, marcando, no original e na tradução, a articulação rítmica dos conceitos teológicos, que ora se emparelham, ora se opõem. Tratando-se de um discurso programático, poderemos, assim, verificar como a exposição ornada dos mistérios da teologia (logos) supõe, para Gregório, uma prévia e preparatória purificação do orador (etos), a fim de poder de fato mover e converter o seu ouvinte (patos). Dessa maneira, veremos como teologia e retórica estão em relação biunívoca, sendo, pois, reciprocamente dependentes, neste seu discurso – e, a bem da verdade, em todo o seu *corpus*.

Antes de passar à tradução anotada, convém falar brevemente na lacunosa fortuna de Gregório Nazianzeno em português, a qual é um dos motivos que nos levaram a traduzi-lo.

¹⁸ Norris, 1991, *passim*, em especial pp. 17-39.

¹⁹ Kennedy, 1983.

²⁰ Norden, 1898, pp. 565-566: “Unter diesen Figuren spielt weitaus die größte Rolle die ANTITHESE in der Form des ISOKOLON mit HOMOIOTELEUTON. (...) es ist die Signatur seiner Diktion”.

²¹ Guignet, 1911, pp. 121-122: “Il n’y a peut-être pas de figure qui ait été recherchée davantage par les sophistes, comme créatrice de clarté et d’agrément. Si l’on songe, au surplus, que la doctrine du christianisme, par son dogme, favorise étonnamment la disposition des idées sous forme antithétique. (...) si l’on rappelle enfin que l’Ancien comme le Nouveau Testament ne sont souvent qu’un long tissu d’antithèses, on comprend mieux que les Pères de l’Église, et spécialement saint Grégoire, n’aient eu aucun scrupule de recourir à une forme de pensée accréditée”. Pouco mais ou menos o mesmo raciocínio foi expresso por Valiavitcharska, 2013, pp. 59-60, mais de cem anos depois: “... the bold use of balance and antithesis became a convenient tool for expressing the paradoxes and complexities of Byzantine theology”.

Ainda que Antônio Vieira²² e Manuel Bernardes²³, cultos e facundos, mencionem Gregório Nazianzeno inúmeras vezes em seus escritos – sempre a partir da tradução latina de Billy –, e que, com eles, outros pregadores e tratadistas lusos, entre os séculos XVI e XVIII, não se furtem a nomeá-lo e até citá-lo, esparsa e ocasionalmente²⁴, o fato é que Gregório Nazianzeno, fora da preceptística retórica e da homilética desse período, está pouquíssimo representado, em português. Particularmente no Brasil, como objeto de estudo acadêmico, Gregório foi tema de uma única dissertação de mestrado²⁵, uma só tese de doutorado²⁶, e menos de uma dezena de artigos²⁷ – do que tudo a tese de Margarida Maria de Carvalho e o artigo de Miguel Spinelli claramente se destacam. Com efeito, ao estudar, respectivamente, a formulação retórica do pensamento político de Gregório nos *Discursos contra o Imperador Juliano*, e a combinação de platonismo e aristotelismo em sua teologia, eles se inserem no movimento descrito há pouco, de notável incremento da produção acadêmica sobre o autor, e desenvolvem, cada qual em seu domínio, pesquisa pioneira e relevante, para as ciências humanas no Brasil.

Das duas sós traduções vernáculas de Gregório Nazianzeno²⁸, a única feita a partir dos originais se encontra, há muito, fora de catálogo. Ainda assim, é preciso tecer as devidas loas ao trabalho notável da monja anônima da Abadia de Nossa Senhora das Graças, em Belo Horizonte, que traduziu com elegância e segurança os cinco *Discursos Teológicos*, embora, força é convir, sem atender ao ritmo e às figuras, com muito esparsas notas, e precedidos de sumariíssima introdução. Quanto à *Autobiografia*, sendo, como esclarecem os créditos da edição, tradução de antiga versão francesa, em prosa, dos versos gregos originais – o longo *Carmen de Vita Sua* –, com pouquíssimas notas e, à guisa de introdução, uma curta audiência

²² Cf., por exemplo, o *Sermão da Glória de Maria Mãe de Deus*: “Faz duas elegantes epístolas São Gregório Nazianzeno, uma a Nicóbulo, famoso letrado, em nome de um seu filho, e outra ao filho, em nome do mesmo Nicóbulo; e na primeira, pedindo o filho ao pai que lhe dê licença para frequentar as escolas e seguir as letras, diz assim: *Gratia quam posco, genitor carissime, patris est mage, quam nati*”.

²³ Cf., por exemplo, *Nova Floresta*, Letra C, Título I, “Calúnia”, III, Questão V: “E, se não as pode concordar, despeça-se e diga com São Gregório Nazianzeno, ao sair de Constantinopla: *Valete, Imperatores et palatia atque omnes Imperatoris famuli; siquidem Imperatori fideles, haudquaquam certum habeo, Deo autem magna ex parte infidi*”.

²⁴ Cf., para algumas menções de tratadistas e pregadores portugueses a Gregório Nazianzeno, do século XVI ao XVIII, Castro, 2008, pp. 54, 94, 275, 290, 323 e 422.

²⁵ Cf. Aviz, 2017.

²⁶ Cf. Carvalho, 2003, e também (em livro) 2010.

²⁷ Cf., especialmente, Carvalho, 2004 (reelaboração de um dos capítulos de sua tese), e Spinelli, 2002.

²⁸ Trata-se, respectivamente, dos *Discursos Teológicos*, publicados em 1984 e esgotados há muito, e da *Autobiografia* (isto é, o *Carmen de Vita Sua*), tradução indireta publicada em 2012.

de Bento XVI²⁹, ela cumpre a função a que se propõe, de divulgar a obra de Gregório entre um público mais amplo, sem maior interesse erudito e impacto literário ou acadêmico.

Diante desse quadro, parece oportuno estudar, traduzir, anotar um discurso programático de Gregório Nazianzeno, historicamente reconhecido como o Demóstenes cristão, e o Teólogo por antonomásia.

1. 2. Da Tradução Rítmica de Prosa Antiga

Como Cícero preceitua, o ritmo, no discurso ornado, não é apanágio exclusivo das cláusulas, começos de frase e pausas sintáticas – onde é, decerto, mais contundente –, senão que organiza todo o período³⁰. Assim, para além da diserta disposição de pés métricos no início e, principalmente, no final de um período retórico, a própria escolha das palavras, e sua hábil organização, concorrem também grandemente para dotar o discurso de um ritmo memorável³¹, o qual, por sua vez, arredondando as sentenças, e compelindo o raciocínio a uma conclusão fulgurante, tem um efeito persuasivo muito claro, indispensável à argumentação³². Se se fala em escolha e organização de palavras, está-se a falar em figuras. Ora, ao estudar o uso abundantíssimo das figuras gorgiânicas pelo Nazianzeno, que, com elas, busca e rebusca o concerto e a simetria, Guignet observou justamente que “*nul orateur peut-être n’a accompagné ses discours d’un rythme aussi perpétuellement musical*”³³, reafirmando, pois, em termos ligeiramente distintos dos tradicionais, o vínculo quase necessário entre as figuras gorgiânicas – pareamentos e antíteses – e o ritmo do discurso, sobejamente conhecido e comentado, desde a Antiguidade³⁴.

²⁹ Cf. Bento XVI, “Audiência Geral”, Quarta-Feira, 8 de agosto de 2007, disponível no sítio oficial do Vaticano: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070808.html (acesso em 24 de outubro de 2025).

³⁰ Cf., Cícero, *Orator*, LIX, 199: “Solet autem quaeri totone in ambitu uerborum numeri tenendi sint an in primis partibus atque in extremis; plerique enim censent cadere tantum numero oportere terminarique sententiam. Est autem, ut id maxime deceat, non ut solum; ponendus est enim ille ambitus, non abiciendus”. “Costuma-se inquirir se no período todo há que manter o ritmo dos vocábulos, ou nas primeiras e nas últimas porções – pois muitos julgam ser mister apenas concluir e arrematar ritmicamente o pensamento. É, sim, onde isto maximamente se requer, não onde exclusivamente; pois o período é para ser arranjado, não arremessado”.

³¹ Cf. Cícero, *Orator*, LXV, 219: “... non numero solum numerosa oratio sed et compositione fit et genere, quod ante dictum est, concinnitatis (compositione potest intellegi, cum ita structa uerba sunt, ut numerus non quaesitus sed ipse secutus esse uideatur)”. “... não só mercê do ritmo o discurso é rítmico, senão também da composição e da espécie de concerto de que se falou acima (por ‘composição’ pode entender-se quando as palavras se estruturam de tal sorte que o ritmo não pareça perseguido, mas advindo por si mesmo)”.

³² Como, aliás, estribada em vários tratadistas – Cícero incluso –, bem sintetizou Valiavitcharska, 2013, p. 132: “... its rhythm alone ‘compels’ the argument to come to a close and ‘brings together’ the enthymeme”.

³³ Guignet, 1911, p. 106.

³⁴ Cf., a propósito, Cícero, *Orator*, LII, 175: “Nam, ut paulo ante dixi, paria paribus adiuncta et similiter definita itemque contrariis relata contraria, quae sua sponte, etiam si id non agas, cadunt plerumque numero, Gorgias primum inuenit, sed eis est usus intemperatius”. “Ora, como disse há pouco, isto de pares conjungidos a seus

Descrito por Norden como “asianismo moderado”³⁵, e, logo, como engenhoso compromisso entre o longo período hipotático dos aticistas e os curtos incisos paratáticos dos asianos³⁶, o estilo de Gregório tem sido objeto de inúmeras análises e comentários, dos quais, talvez, o mais completo, ainda hoje, seja o do erudito bizantino Miguel Pselo, do século XI³⁷. As análises de Pselo têm sido corroboradas por estudos modernos – sobretudo relativamente às cláusulas. Com efeito, utilizando um método estatístico, e procedendo por amostragem, Dewing concluiu que as cláusulas de Gregório não respeitam o antigo padrão quantitativo, mas são já, como para Pselo, cláusulas acentuais³⁸. E, se acentuais são as cláusulas, acentual é o período todo.

Logo, a diferença do ritmo no corpo do período, em relação à cabeça e à cláusula, está em que, no corpo, mediante antíteses e pareamentos, o ritmo se cria pelas relações que vocábulos, incisos e membros estabelecem entre si, enquanto na cabeça e na cláusula ele é como independente, e por isso mesmo se destaca. Assim, considerando que o ritmo, na prosa artística latina e grega, é efeito da escolha judiciosa, e composição estudiosa das palavras (e, particularmente, do uso destro das figuras gorgiânicas), devendo ser realçado nos inícios de frase, e nas cláusulas dos períodos; e considerando, também, a natureza dinâmica, expiratória, intensiva do acento grego, ao tempo de Gregório, em que a quantidade deixara, já, de ser o traço fonologicamente distintivo das sílabas, substituída pela intensidade; tem-se que uma tradução, para ser rítmica, haja de refundir essa configuração de saída na língua de chegada – não, decerto, mediante a reprodução de idêntica pauta acentual, e de cada acento de palavra, mas pela elaboração de um sistema de equivalências, que preserve, reconfigurando-as, as precisas relações rítmicas dos membros, incisos e palavras entre si, e o realce de inícios e fins de frase, quando realce houver. Ou seja, atendendo, claro, ao sentido, ao encadeamento lógico da argumentação, às figuras, e, quanto possível, à própria ordem vocabular, trata-se de recriar, em português, as mesmas relações rítmicas do corpo do período grego, e eventualmente destacar cabeça e cláusula, sem ter de reproduzir o exato número de sílabas e o exato desenho

pares e desinências semelhantes, e assim também contrários referidos a seus contrários (os quais de per si, embora o não busques, concluem ritmicamente, em geral), quem inventou foi Górgias: mas usou-os desregradamente”.

³⁵ Cf. Norden, 1898, p. 564: “Gemäßigter Asianismus ist, um es kurz zu sagen, das Wesen der Rhetorik Gregors”.

³⁶ Cf. Norden, 1898, p. 566: “... das am meisten hervortretende Charakteristikum der asianischen Diktion die Auflösung der Periode in zerhackte Kommata war. Bei Gregor treten daher auch lange Periode durchaus zurück hinter den winzigen, man möchte sagen zerfetzten Satzteilchen”. Sobre asianismo e aticismo, veja-se o clássico estudo de Wilamowitz-Möllerndorff, 1900, em muitos pontos ainda não superado.

³⁷ Cf., para uma edição moderna deste comentário (com estudo introdutório em latim), Levy, 1912.

³⁸ Dewing, 1910, e também Oberhelman, 1988. Sobre a natureza do acento grego clássico, e o surgimento do acento intensivo, vide Allen, 1973, pp. 203-334, e também 1968, pp. 84-124.

rítmico do original – basta que os termos se oponham ou se emparelhem, conforme o caso, e que, digamos, a tais isocólonos gregos tais vernáculos correspondam.

Acreditamos que este método alia rigor meticuloso a prudente flexibilidade. Como Cícero novamente preceitua³⁹, não há que contar palavras, ao traduzir um discurso ornado, mas, sim, reelaborar as sentenças, empregando vocábulos do mesmo “gênero” e “força” que os originais – e se, por sua vez, o gênero de um vocábulo se determina por sua escolha e aplicação, e a força é o efeito persuasivo, então manter força e gênero é preservar as relações rítmicas, no sentido complexo do conceito de “ritmo”, aplicado ao período retórico.

Falando em complexidade, há que frisar que o que temos descrito são tendências, e que, não sendo verso, o ritmo da prosa evita, escrupulosamente, a regularidade do metro e da poesia⁴⁰. Ou seja, a bem da variação, nem todo período começa com ênfase e acaba com cláusula, nem se articula, no corpo, por antíteses e pareamentos – porque isso faria o discurso ritmicamente previsível e, logo, persuasivamente ineficaz. Eis aí a sutileza, a dificuldade da arte da prosa, no tocante ao ritmo.

Ora, a fim de testar na prática nosso sistema de equivalências rítmicas, leiamos, pois, em grego e em português, o primeiro *Discurso Teológico*. Os termos emparelhados ou opostos estão sublinhados, precedidos da mesma letra entre colchetes. As cabeças⁴¹ e cláusulas⁴² estão em negrito. Note-se que nem sempre conseguimos manter ou recriar em nossa língua as relações rítmico-conceituais do original – e que, em se tratando de rimas e homeoteleutos, que

³⁹ Cícero, *De optimo genere oratorum*, V, 14: “Conuerti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni; nec conuerti ut interpre, sed ut orator, sententiis isdem et earum formis tamquam figuris, uerbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non uerbum pro uerbo necesse habui reddere, sed genus omne uerborum uimque seruaui. Non enim ea me annumerare lectori putauim oportere, sed tamquam appendere”. “Traduzi, pois, nobilíssimos discursos entre si contrários de Ésquines e Demóstenes, dois eloquentíssimos atenienses; e não traduzi como intérprete, mas como orador, segundo as mesmas sentenças e suas formas e figuras, com palavras conformes ao nosso uso. No que não houve por necessário verter palavra por palavra, mas das palavras preservei todo o gênero e força. Pois não julguei devesse contá-las para o leitor, mas como que pesá-las”. Ou seja, a tradução rítmica da prosa artística latina e grega não deve se pautar pelos critérios da tradução da poesia. Cf., a propósito, para os desafios inerentes à tradução de poética, Nogueira, 2022 e 2020.

⁴⁰ Cf. Cícero, *Orator*, XX, 67: “Quicquid est enim quod sub aurium mensuram aliquam cadit, etiam si abest a uersu – nam id quidem orationis est uitium – numerus uocatur, qui Graece rhythmos dicitur”. “Com efeito, o que quer que se conclua sob certa medição dos ouvidos, ainda que se afaste do verso – pois este mesmo é um vício do discurso –, se chama ritmo, o que em grego se diz rhythmós”.

⁴¹ Cabeça é o *incipit* memorável, em geral com ritmo hexamétrico, ou jâmbico.

⁴² Dizemos cláusula os fins de frase que arredondam o período – isto é, grosso modo, os que em grego contêm ou duas ou quatro sílabas átonas entre as duas tônicas finais. Cf. *passim* Dewing, 1910, e Valiavitcharska, 2013 (e, para uma história quanto possível completa da cláusula rítmica, Norden, 1898, pp. 909-960). Na prosa portuguesa, tanto quanto pudemos averiguar, não há uma preceptiva específica, concernente às cláusulas e fins de frase. Logo, se pudermos proceder por analogia com a poesia, dir-se-á que o período redondo, em português, é o que termina com ritmo marcado e fulgurante, como o poema cujo fecho é uma chave de ouro. Assim, a chave de ouro está para a poesia como a cláusula para a prosa, em português. Finalmente, claro está que conseguiremos um ritmo marcado e fulgurante se usarmos versos como cláusulas, evitando cacófatos e fugindo à aspereza de certos encontros consonantais.

não eram identificados diretamente com poesia, ao tempo de Gregório⁴³, mas hoje o são, cremos tenham de receber um tratamento mais fluido e menos rigoroso, no texto de chegada, reproduzindo-se por homofonias, aliteraões e repetições o que em grego são rimas perfeitas.

Finalmente, os estudiosos são unânimes em datar os *Discursos Teológicos* do período em que Gregório se transferiu para Constantinopla (379-381 d.C.), onde assumiu o bispado, e viria a presidir o famoso Concílio, em 381. Politicamente inábeis – já que o objetivo do Concílio de Constantinopla era quanto possível apaziguar as tensões entre os homousianos (o partido de Gregório), que defendiam a consubstancialidade do Pai e do Filho, e os anomianos, para quem Filho e Pai são absolutamente dissímeis, em natureza –, os *Discursos Teológicos* foram os responsáveis diretos pela renúncia de Gregório ao bispado de Constantinopla, então o mais importante do Império, e seu retorno a Nazianzo, de que já era o bispo. Por outro lado, essa inabilidade política talvez seja efeito da agudeza e fulgurância incomparáveis com que defende essa mesma consubstancialidade, e com que a Pai e Filho consubstanciais equipara o Espírito Santo, estabelecendo, assim, definitivamente o dogma da Trindade, na história da Igreja.

O Discurso XXVII, primeiro da série dos teológicos, é uma invectiva preliminar contra os eunomianos, seita arriana que defendia a dessemelhança radical entre Pai e Filho, e a subordinação deste àquele. É um discurso programático que trata das condições gerais do exercício da teologia, ou, mais simplesmente, do “falar de Deus”, por parte do orador sacro. Seguimos o texto grego estabelecido por Gallay, constante das referências bibliográficas.

2. Tradução

DISCURSO XXVII

Primeiro Discurso Teológico

Preâmbulo contra os Eunomianos

1. Πρὸς τοὺς ἐν [a] λόγῳ κομψοὺς ὁ [a] λόγος. καὶ ἵνα ἀπὸ τῆς γραφῆς ᾄρξωμαι· Ἴδου ἐγὼ ἐπὶ σὲ τὴν	1. Contra os finórios do [a] verbo é meu [a] verbo. E, para que comece com a Escritura, “Eis-me aqui
---	---

⁴³ Cf., para uma história da rima, e a importância capital, nela, da prática de Gregório Nazianzeno, Norden, 1898, pp. 810-908.

ύβρίστριαν, καὶ παίδευσιν καὶ [b] ἀκοὴν καὶ διάνοιαν. [c] εἰσὶ γάρ, [c] εἰσὶ τινες, οἱ τὴν [b] ἀκοὴν προσκνόμενοι καὶ τὴν γλῶσσαν, ἥδη δέ, ὡς ὁρῶ, καὶ τὴν χεῖρα, τοῖς ἡμετέροις λόγοις, καὶ χαίροντες “ταῖς βεβήλοις [d] κενοφωνίαις, καὶ ἀντιθέσεσι τῆς ψευδωνύμου γνώσεως”, καὶ ταῖς εἰς οὐδὲν χρήσιμον φερούσαις [d] λογομαχίαις. οὕτω γὰρ ὁ Παῦλος καλεῖ πᾶν τὸ ἐν λόγῳ [e] περιττὸν καὶ [e] περίεργον, [f] ὁ “τοῦ συντετμημένου λόγου” κῆρυξ καὶ βεβαιωτής, [f] ὁ τῶν ἀλιέων μαθητὴς καὶ διδάσκαλος. οὗτοι δέ, περὶ ὧν ὁ λόγος, εἶθε μὲν, ὥσπερ τὴν γλῶσσαν εὐστροφον ἔχουσι καὶ δεινὴν ἐπιθέσθαι λόγοις [g] εὐγενεστέροις τε καὶ [g] δοκιμωτέροις, οὕτω τι καὶ περὶ τὰς πράξεις ἡσυχολοῦντο. Μικρὸν γοῦν, καὶ ἴσως ἦττον ἂν ἦσαν [h] σοφισταὶ καὶ [h] κυβισταὶ λόγων [i] ἄτοποι καὶ [i] παράδοξοι, ἴν’ εἴπω τι καὶ [j] γελοῖως περὶ [j] γελοίου πράγματος.

2. Ἐπεὶ δὲ πᾶσαν εὐσεβείας ὁδὸν [a] καταλύσαντες πρὸς ἓν τοῦτο [b] βλέπουσι μόνον, ὃ τι [b] “δήσουσιν ἢ [b] λύσουσι” τῶν προβαλλομένων, καθάπερ ἐν τοῖς θεάτροις οἱ τὰ [c] παλαιίσματα [a] δημοσιεύοντες, καὶ τῶν [c] παλαισμάτων [d] οὐχ ὅσα πρὸς νίκην φέρει κατὰ νόμους ἀθλήσεως, [d] ἀλλ’ ὅσα τὴν ὄψιν κλέπτει τῶν ἀμαθῶν τὰ τοιαῦτα καὶ συναρπάζει τὸν ἐπαινέτην. καὶ δεῖ [e] πᾶσαν μὲν ἀγορὰν περιβομβεῖσθαι τοῖς τούτων λόγοις, [e]

contra ti, soberba”⁴⁴, no que toca ao ensino e **ao** [b] **ouvido e ao pensamento**. Pois [c] há – [c] há os que se coçam⁴⁵ o [b] ouvido e a língua e já, segundo vejo, até as mãos, ante nossas palavras, e folgando em “vanilóquios [d] impíos, e antíteses de um pseudossaber”, **e contraproductentes** [d] **logomaquias**⁴⁶. Pois assim Paulo chama a tudo o que, no discurso, é [e] sobreexcedente e [e] superfluo – ele, [f] o arauto e garantidor da “palavra concisa”⁴⁷, o [f] discípulo e mestre de pescadores. Ora, oxalá os de que trata meu verbo, assim como têm língua [g] ágil, e [g] hábil em buscar palavras mais nobres e reputadas, assim também se empregassem nalgum tanto de ações! Um pouco assim, e talvez fossem menos [h] sofistas e [h] malabaristas [i] excêntricos de palavras e [i] extravagantes – para falar [j] ridiculamente de [j] ridículo assunto.

2. Uma vez que, [a] abolindo toda via de piedade, [b] miram apenas e tão-somente o que [b] “ligam ou [b] desligam”⁴⁸ das questões, como os que [a] espetaculizam as [c] lutas nos teatros (e, das [c] lutas, [d] não as que levam à vitória segundo as regras do jogo, [d] senão as que roubam o olhar dos que o ignoram, e arrebatam o entusiasta), e [e] toda agora há que [f] zinir com seus discursos, e [e] todo banquete [f] exasperar-se com [g] loquela

⁴⁴ Jr 50,31 = LXX Jr 27,31. Na passagem, Deus invectiva Babilônia por boca do profeta Jeremias. É ela a soberba contra quem se coloca.

⁴⁵ 2Tm 4,3.

⁴⁶ 1Tm 6,4.

⁴⁷ Rm 9,28.

⁴⁸ Segundo Gregório, o método dos eunomianos é a contrafação tecnicista do princípio evangélico contido em Mt 18,18. Desse modo, a finalidade salvífica de toda teologia autêntica é obscurecida (quando não aniquilada) pelo vão virtuosismo retórico-dialético de “ligar e desligar” problemas e questões.

πάν δὲ συμπόσιον ἀποκναίεσθαι [f] φλυαρία καὶ [f] ἀηδία, [e] πᾶσαν δὲ ἐορτὴν καὶ πένθος [e] ἅπαν, τὴν μὲν ἀνέορτον εἶναι καὶ μεστήν κατηφείας, τὸ δὲ παραμυθεῖσθαι συμφορᾷ μείζονι τοῖς ζητήμασι, [e] πᾶσαν δὲ διοχλεῖσθαι γυναικωνίτιν, ἀπλότῃ σὺντροφον, καὶ τὸ τῆς αἰδοῦς ἄνθος ἀποσυλᾶσθαι τῇ περὶ λόγον ταχύτητι. ἐπειδὴ ταῦτα οὕτω, καὶ τὸ κακὸν [g] ἄσχετον καὶ [g] ἀφόρητον, καὶ κινδυνεύει τεχνύδριον εἶναι τὸ μέγα ἡμῶν μυστήριον· φέρε, [h] τοσοῦτον γοῦν ἡμῶν ἀνασχέσθωσαν οἱ κατὰσκοποι σπλάγχνοις πατρικοῖς κινουμένων καί, ὃ φησιν ὁ θεῖος Ἰερεμίας, “σπαρασσομένων τὰ αἰσθητήρια”, [h] ὅσον μὴ τραχέως τὸν περὶ τούτων δέξασθαι λόγον, καὶ τὴν γλῶσσαν μικρὸν ἐπισχόντες, ἂν ἄρα καὶ δύνωνται, τὴν ἀκοὴν ἡμῖν ὑποθέτωσαν. πάντως δὲ οὐδὲν ζημιωθήσεσθε. ἡ γὰρ εἰς ὧτα ἐλαλήσαμεν ἀκουόντων, καὶ τινα καρπὸν ἔσχεν ὁ λόγος, τὴν ὠφέλειαν τὴν ὑμετέραν, – ἐπειδὴ σπείρει μὲν ὁ σπείρων τὸν λόγον ἐπὶ πᾶσαν διάνοιαν, καρποφορεῖ δὲ ἡ καλὴ τε καὶ γόνιμος, – ἡ ἀπήλθετε καὶ τοῦτο ἡμῶν διαπτύσαντες, καὶ πλείονα λαβόντες ὕλην ἀντιλογίας τε καὶ τῆς καθ’ ἡμῶν λοιδορίας, ἵνα καὶ μᾶλλον ὑμᾶς **αὐτοὺς ἐστιάζητε**. μὴ θαυμάσητε δέ, εἰ παράδοξον ἐρῶ λόγον, καὶ παρὰ τὸν ὑμέτερον νόμον, οἳ πάντα εἰδέναι τε καὶ διδάσκειν ὑπισχνεῖσθε λίαν νεα [i] νικῶς καὶ [i] γενναίως, ἵνα μὴ λυπῶ λέγων [j] ἁμαθῶς καὶ [j] θρασέως.

3. [a] Οὐ παντός, ὃ οὔτοι, τὸ περὶ θεοῦ φιλοσοφεῖν, [a] οὐ παντός· οὐχ οὕτω τὸ πρᾶγμα [b] εὖωνον καὶ τῶν χαμαὶ [b] ἐρχομένων. προσθήσω δέ, [c] οὐδὲ

e [g] tédio, e ser [e] toda festa e [e] cada luto, uma, antifestiva e cheia de desolação, o outro, consolado com a maior desgraça das suas tafularias: e [e] todo gineceu [f] importunar-se, companheiro da singeleza, e [f] espoliar-se a flor do seu pudor com o afã da palavra: uma vez que isto é assim, e o mal [g] incoercível e [g] intolerável, e nosso grande mistério periga tornar-se um artifíciozinho, eia, [h] tanto se avenham conosco esses espias, movidos que estamos por “entranha”⁴⁹ paternal e, como diz o divino Jeremias, dilacerados no coração⁵⁰, [h] quanto não recebiam asperamente este discurso sobre a matéria, e, detendo um pouco a língua, se é que o podem, submetam-nos o ouvido. Em todo o caso, nada perdereis. Pois ou bem hemos falado à orelha dos que escutam⁵¹, e algum fruto a palavra teve: o proveito vosso – já que o semeador semeia a palavra em toda inteligência, mas só a bela e fecunda frutifica –, ou bem partistes menoscabando até isso em nós, e tomando ulterior matéria para contradição e exprobração nossa, a fim de vós mesmos **vos regalardes mais**. Não vos admireis se eu disser palavra inaudita, e contrária a vosso costume, vós que alardeais tudo saber e ensinar, de modo tão [i] honrável e [i] gentil (não ofenderei, falando [j] inábil e [j] imbecil).

3. [a] Não é para qualquer um, ó homens, o filosofar sobre Deus – [a] não é para qualquer um; não é artigo tão [b] barato e de quem anda a [b]

⁴⁹ Jr 4,19.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ Eclo 25,12(9).

πάντοτε, [c] οὐδὲ πᾶσιν, [c] οὐδὲ πάντα, ἀλλ' ἔστιν [d] ὅτε, καὶ [d] οἷς, καὶ ἐφ' [d] ὅσον. [e] οὐ πάντων μέν, ὅτι τῶν ἐξητασμένων καὶ διαβεβηκότων ἐν θεωρίᾳ, καὶ πρὸ τούτων καὶ ψυχὴν καὶ σῶμα [f] κεκαθαρμένων, ἢ [f] καθαιρομένων, τὸ μεριώτατον. [g] μὴ καθαρῷ γὰρ ἄπτεσθαι [g] καθαροῦ τυχόν οὐδὲ ἀσφαλές, ὥσπερ οὐδὲ ὄψει σαθρᾷ ἡλιακῆς ἀκτίνος. [e] ὅτε δέ; ἡνίκα ἂν σχολὴν ἄγωμεν ἀπὸ τῆς ἔξωθεν ἰλύος καὶ ταραχῆς, καὶ μὴ τὸ ἡγεμονικὸν ἡμῶν συγχέηται τοῖς μοχθηροῖς τύποις καὶ πλανωμένοις, οἷον γράμμασι πονηροῖς ἀναμιγνύντων κάλλη γραμμάτων, ἢ βορβόρων μύρων εὐωδίαν. δεῖ γὰρ τῷ ὄντι σχολάζειν, καὶ γινῶναι θεόν· καὶ ὅταν λάβωμεν καιρόν, κρίνειν θεολογίας εὐθύτητα. [e] τίσι δέ; οἷς τὸ πρᾶγμα διὰ σπουδῆς, καὶ οὐχ ὥς ἔν τι τῶν ἄλλων καὶ τοῦτο φλυαρεῖται ἡδέως, μετὰ τοὺς ἱππικούς, καὶ τὰ θέατρα, καὶ τὰ ἄσματα, καὶ τὴν γαστέρα, καὶ τὰ ὑπὸ γαστέρα· οἷς καὶ τοῦτο μέρος τρυφῆς, ἢ περὶ ταῦτα [h] ἐρεσχελία καὶ [h] κομπεῖα τῶν ἀντιθέσεων. [e] τίνα δὲ φιλοσοφητέον, καὶ ἐπὶ πόσον; ὅσα ἡμῖν ἐφικτά, καὶ ἐφ' ὅσον ἢ τοῦ ἀκούοντος [i] ἕξις ἐφικνεῖται καὶ [i] δύναμις· ἵνα μὴ καθάπερ αἱ ὑπερβάλλουσαι [j] τῶν φωνῶν, ἢ [j] τῶν τροφῶν, τὴν ἀκοὴν βλάπτουσιν ἢ τὰ σώματα, – εἰ βούλει δέ, τῶν φορτίων τὰ ὑπὲρ δύναμιν τοὺς ὑποβαίνοντας, ἢ τὴν γῆν τῶν ὑετῶν οἱ σφοδρότεροι, – οὕτω δὲ καὶ οὗτοι τοῖς στερροῖς, ἴν' οὕτως εἴπω, τῶν λόγων [k]

rastos. E direi mais: não é para [c] toda hora, nem [c] entre todos, nem [c] em tudo, – mas há o [d] quando, o com [d] quem, e o até [d] tanto. [e] Não é para quaisquer uns, porque é dos que se têm exercitado e progredido em contemplação⁵², e, antes disso, alma e corpo [f] têm purgado, – ou [f] purgando estão, mais exatamente. Pois o [g] impuro tocar o [g] puro talvez não seja sem risco, como tampouco a vista enferma ao raio solar. [e] Quando? Assim que folguemos longe da lama e turbacão exteriores, e o que domina em nós⁵³ não se misture com imagens depravadas e erradias, qual com letrinhas miseráveis belas letras misturadas, ou o odor dos óleos com um charco. Cumpre realmente folgar⁵⁴, e conhecer a Deus, e, “quando agarrarmos a ocasião, julgar”⁵⁵ a retidão da teologia. [e] Com quem? Com os que levam o assunto a sério, e não como um, entre outros, que até se comenta agradavelmente depois da corrida de cavalos, e dos teatros, e das canções, e do ventre, e do baixo-ventre – para essoutros até isto faz parte da luxuosidade: a [h] ligeireza em tais matérias e a [h] fineza das antíteses. [e] Sobre o que se há de filosofar, e até que ponto? Sobre quanto alcancemos, e até aonde alcancem a [i] acuidade e a [i] capacidade do ouvinte, para que, assim como o excesso de [j] alarido ou de [j] comida dana a audição ou os corpos, ou, se se quiser, os fardos além da conta aos que os

⁵² Em grego: θεωρία, isto é, “visão”, “contemplação” ou mesmo “teoria”, em certos contextos. Está implícita, aqui, a ideia de ascese.

⁵³ I.e., a parte racional da alma.

⁵⁴ Em grego: σχολάζω, isto é, literalmente “gozar o ócio”, “folgar”. Trata-se da antiga concepção grega do ócio como valor positivo, como tempo qualificado, dedicado às atividades superiores da existência, como o cultivo das ciências e da filosofia.

⁵⁵ SI 75(74),3.

καταπιεσθέντες καὶ [k] βαρυνθέντες ζημιωθεῖεν καὶ εἰς τὴν ἀρχαίαν δύναμιν.

4. Καὶ οὐ λέγω τοῦτο μὴ δεῖν πάντοτε **μεμνήσθαι θεοῦ**. μὴ πάλιν ἐπιφύεσθωσαν ἡμῖν οἱ πάντα εὐκολοὶ καὶ ταχεῖς. [a] μνημονευτέον γὰρ θεοῦ μᾶλλον ἢ [a] ἀναπνευστέον. καί, εἰ οἷόν τε τοῦτο εἰπεῖν, μηδὲ ἄλλο τι ἢ τοῦτο [a] πρακτέον. καὶ γὰρ τῶν ἐπαινούντων εἰμὶ τὸν λόγον, ὃς μελετᾷ ἡμέρας καὶ νυκτὸς διακελεύεται, καὶ ἐσπέρας καὶ πρωὶ καὶ μεσημβρίας διηγεῖσθαι, καὶ εὐλογεῖν τὸν κύριον ἐν παντὶ καιρῷ· εἰ δεῖ καὶ τὸ Μωυσέως εἰπεῖν, κοιταζόμενον, διανιστάμενον, ὁδοιποροῦντα, ὃ τι οὖν ἄλλο πράττοντα, καὶ τῇ μνήμῃ τυποῦσθαι πρὸς καθαρότητα. ὥστε οὐ τὸ μεμνήσθαι διηνεκῶς κωλύω, τὸ θεολογεῖν δέ· οὐδὲ τὴν θεολογίαν, ὥσπερ [b] ἀσεβές, ἀλλὰ τὴν [b] ἀκαιρίαν. οὐδὲ τὴν [c] διδασκαλίαν, ἀλλὰ τὴν [c] ἀμετρίαν. ἡ μέλιτος μὲν πλησμονὴ καὶ κόρος ἔμετον ἐργάζεται, καίπερ ὄντος μέλιτος, καὶ καιρὸς τῷ παντὶ πράγματι, ὡς Σολομῶντι κάμοι δοκεῖ, καὶ τὸ [d] καλὸν οὐ [d] καλόν, ὅταν μὴ [d] καλῶς γίνηται, ὥσπερ ἄνθος ἐν χειμῶνι παντελῶς ἄωρον, καὶ γυναιξὶ κόσμος ἀνδρεῖος, ἢ γυναικεῖος ἀνδράσι, καὶ πένθει

carregam ou as chuvas mais violentas ao solo, assim também, [k] apertados e [k] sobrecarregados pela massa dos discursos (digamos assim), os ouvintes não percam até sua antiga capacidade.

4. Não digo que não cumpra em tudo **se lembrar de Deus**: não se encarnicem de novo contra nós os sempre lépidos e prestos a tanto! Pois mais de Deus se há de [a] lembrar do que se há de [a] respirar; e, se se puder dizê-lo, não se há de [a] obrar nada além disto. Também eu sou dos que aprovam o dito que manda “meditar dia e noite”⁵⁶, e “anunciar de tarde, de manhã e ao meio-dia”⁵⁷, e “bem-dizer o Senhor em todo tempo”⁵⁸; e, se ainda houver que mencionar o de Moisés, “deitado, desperto, caminhando”⁵⁹, ou fazendo o que quer que seja, e amoldar-se à pureza por esta lembrança. Por maneira que não me oponho a lembrar permanentemente, mas a teologizar⁶⁰; não à teologia, como [b] ímpia, mas à [b] impertinência; e não à [c] doutrina, mas à [c] desmedida. O empanzinamento e saciedade de mel causam vômito, inda que mel seja, e há um tempo para cada coisa⁶¹, como lhe parece a Salomão e a mim, e o [d] belo não é [d] belo, quando não devém [d] belamente – assim como uma flor no inverno é totalmente extemporânea, e às mulheres um aprumo varonil, ou um feminino aos homens, e ao

⁵⁶ Sl 1,2.

⁵⁷ Sl 55(54),18.

⁵⁸ Sl 34(33),2.

⁵⁹ Dt 6,7.

⁶⁰ Isto é, Gregório se opõe a que Deus seja tomado como mero objeto de discurso retórico, discussão dialética ou demonstração lógica, sem acompanhar-se do purificador exercício de contemplação (e ascese) que, segundo se viu, é condição indispensável da autêntica teologia.

⁶¹ Ecl 3,1.

γεωμετρία, καὶ πότε δάκρυον, ἐνταῦθα δὲ μόνον τὸν [e] καιρὸν ἀτιμάσομεν, οὐ μάλιστα τιμητέον τὸ [e] εὐκαιρον;

5. Μηδαμῶς, ὦ φίλοι καὶ [a] ἀδελφοί· [a] ἀδελφούς γὰρ ὑμᾶς ἔτι καλῶ, καίπερ οὐκ [a] ἀδελφικῶς ἔχοντας· μὴ οὕτω διανοώμεθα, μηδὲ καθάπερ ἵπποι θερμοὶ καὶ δυσκάθεκτοι, τὸν ἐπιβάτην λογισμὸν [b] ἀπορρίψαντες, καὶ τὴν καλῶς ἄγχουσιν εὐλάβειαν [b] ἀποπτύσαντες, πόρρω τῆς νύσσης θέωμεν· ἀλλ' εἴσω τῶν ἡμετέρων ὄρων φιλοσοφῶμεν, καὶ μὴ εἰς Αἴγυπτον ἐκφερώμεθα, μηδὲ εἰς Ἀσσυρίους κατασυρώμεθα, μηδὲ ἄδωμεν τὴν ᾧδὴν κυρίου ἐπὶ γῆς ἀλλοτρίας, πάσης ἀκοῆς λέγω, ξένης τε καὶ ἡμετέρας, ἐχθρᾶς καὶ φιλίας, εὐγνώμονος καὶ ἀγνώμονος, ἣ λίαν ἐπιμελῶς τηρεῖ τὰ ἡμέτερα, καὶ βούλοιτο ἄν τὸν σπινθῆρα τῶν ἐν ἡμῖν κακῶν γενέσθαι φλόγα, [c] ἐξάπτει τε καὶ [c] ἀναρριπίζει καὶ εἰς οὐρανὸν [c] αἶρει ταῖς παρ' ἑαυτῆς αὔραις λανθάνουσα, καὶ ποιεῖ τῆς Βαβυλωνίας φλογὸς τὰ κύκλῳ καταφλεγούσης ὑψηλοτέραν. ἐπειδὴ γὰρ οὐκ ἐν τοῖς ἑαυτῶν δόγμασιν ἔχουσι τὴν ἰσχύν, ἐν τοῖς ἡμετέροις σαθοῖς ταύτην θηρεύουσι, καὶ διὰ τοῦτο, ὥσπερ αἱ μυῖαι τοῖς τραύμασιν, οὕτω τοῖς ἡμετέροις ἐπιτίθενται, εἴτε [d] ἀτυχήμασι χρὴ

luto a geometria⁶², e ao rega-bofe o choro, desonraremos, logo, a [e] sazão apenas **lá, onde há mais que honrar-se o [e] sazonado?**

5. Absolutamente, ó amigos e [a] irmãos, – pois [a] irmãos vos chamo, inda que não [a] irmãmente vos conduzaís – não pensemos assim, nem tampouco, como árdegos cavalos indomáveis [b] escoiceando o cocheiro raciocínio fora, e [b] escarrando fora a reverência que bem enfreia⁶³, corramos longe da meta, mas filosofemos dentro de nossos limites, e não nos transportemos ao Egito, nem à Assíria nos arrastemos, nem cantemos “a cantiga do Senhor em terra estranha”⁶⁴, isto é, a qualquer ouvido, forâneo e conterrâneo⁶⁵, inimigo e amigo, bem- e mal-intencionado, o qual tão ciosamente zela pelo que é nosso, que desejara a chispa dos nossos males se tornasse em chama, e, furtivo, a [c] atixa e [c] assopra e [c] alevanta ao céu com seus hálitos, e a faz mais alta que a chama de Babilônia enchamejando tudo em derredor⁶⁶. Ora, uma vez que não acham força em suas próprias doutrinações, perseguem-na em nossas deficiências, e, por isso, como moscas nas feridas, pousam no que convém chamar ou nossos [d] desacertos, ou [d] desconcertos. – Nós outros, porém, não mais nos ignoremos, nem desonremos o decoro em tais assuntos, senão que, não sendo possível acabar com a inimizade, convenhamos

⁶² Segundo Gallay, 1978, pp. 80-81, n. 2, trata-se de antigo provérbio grego.

⁶³ SI 32(31),9.

⁶⁴ Cf. SI 137(136),4. Trata-se do célebre salmo imitado por Camões a partir da Vulgata: Sôbolos rios que vão / Por Babilônia me achei, / Onde sentado chorei / As lembranças de Sião / E quanto nela passei”.

⁶⁵ A oposição entre, de um lado, patrícios ou conterrâneos – os cidadãos romanos –, e, do outro, forâneos ou estrangeiros – os bárbaros – vale pouco mais ou menos pela de cristãos a gentios.

⁶⁶ Dn 3,19-23.

λέγειν, εἴτε [d] ἀμαρτήμασιν. ἀλλ' ἡμεῖς γε μὴ ἐπὶ πλεῖον ἡμᾶς αὐτοὺς ἀγνοήσωμεν, μηδὲ τὸ περὶ ταῦτα κόσμιον ἀτιμάσωμεν· ἀλλ' εἰ μὴ τὴν ἔχθραν καταλύσασθαι δυνατόν, ἐκεῖνό γε συμβῶμεν ἀλλήλοις, [e] μυστικῶς τὰ [e] μυστικὰ φθέγγεσθαι, καὶ [f] ἀγίως τὰ [f] ἅγια, καὶ μὴ ρίπτειν εἰς βεβήλους ἀκοὰς τὰ μὴ ἔκφορα, μηδὲ σεμνοτέρους ἡμῶν ἀποφαίνωμεν τοὺς [g] προσκυνοῦντας τοῖς δαιμονίοις καὶ τῶν αἰσχυρῶν μύθων καὶ πραγμάτων [g] θεραπευτάς, οἱ θᾶπτον ἂν τοῦ αἵματος ἢ λόγων ἔστιν ὧν μεταδοῖεν τοῖς ἀμυήτοις. ἀλλ' εἰδῶμεν, ὥσπερ ἐσθῆτος καὶ διαίτης καὶ γέλωτος καὶ βαδίσματος οὐδ' ἂν τινὰ κοσμιότητα, οὕτω καὶ λόγου καὶ σιωπῆς, ὅτι καὶ λόγον πρεσβεύομεν μετὰ τῶν ἄλλων τοῦ θεοῦ προσηγοριῶν καὶ δυνάμεων. ἔστω καὶ τὸ [h] φιλόνηκον ἡμῶν [h] ἐννομον.

6. Τί γέννησιν ἀκούει θεοῦ καὶ κτίσιν, καὶ θεὸν ἐξ οὐκ ὄντων, καὶ [a] τομὴν καὶ [a] διαίρεσιν καὶ [a] ἀνάλυσιν, ὁ πικρὸς τῶν λεγομένων ἀκροατής; τί δικαστὰς τοὺς κατηγόρους καθίζομεν; τί τὰ ξίφη τοῖς ἐχθροῖς ἐγχειρίζομεν; πῶς, οἶει, δέξεται τὸν περὶ τούτων λόγον, ἢ μεθ' οἷας τῆς διανοίας, ὁ τὰς μοιχείας ἐπαινῶν καὶ τὰς παιδοφθορίας, καὶ προσκυνῶν τὰ πάθη, καὶ μηδὲν ὑπὲρ τὸ σῶμα [b] διανοηθῆναι [b] δυνάμενος, ὁ χθὲς καὶ πρώην

entre nós ao menos nisto, a saber, enunciar [e] misticamente as coisas [e] místicas e [f] santamente as [f] santas e a profanos ouvidos não lançar o indivulgável, e não façamos os [g] adoradores dos demônios e [g] cultores de impudicas práticas e mitos parecer mais graves do que nós (eles que mais prontamente sangue que palavras compartilhavam com os não iniciados), mas saibamos que, assim como há certo decoro do vestido e da dieta e do riso e do andar, assim também o há do verbo e do silêncio, – já que veneramos igualmente o Verbo, entre outras apelações e potências de Deus; até nossa [h] rivalidade seja bem [h] regrada.

6. Por que está a ouvir de gênese de Deus e criação, e Deus devindo do não ser, e [a] secção e [a] divisão e [a] resolução **um acerbo auditor de tais palavras?** Por que constituímos os **acusadores em juízes?** Por que pomos espadas **em mãos inimigas?** Como ou com que disposição julgas venha a receber teu discurso sobre tais temas quem aprova o adultério e a pedofilia⁶⁷, e se ajoelha às paixões, e nada [b] consegue [b] cogitar além do corpo, – quem até anteontem instituíra deuses a si mesmo, e tais que eram conhecidos pelas maiores impudicícias? [c] Não será materialmente⁶⁸? [c] Não impudentemente? [c] Não ignorantemente? [c] Não como sói? Não fará da tua teologia a porta-voz de deuses e paixões

⁶⁷ Em grego: παιδοφθορία, isto é, literalmente, “corrupção infantil”. A tradução latina dos mauristas, estampada na edição de Migne, explicita, porém, de que corrupção se trata: *puerorum stuprum*. Ou seja: “pedofilia”, em português.

⁶⁸ Isto é, segundo a matéria, o corpo, a letra – não segundo o espírito.

ἑαυτῷ στήσας θεούς, καὶ τούτους ἐπὶ τοῖς αἰσχίστοις γνωριζομένους; [c] οὐχ ὑλικῶς; [c] οὐκ αἰσχυρῶς; [c] οὐκ ἀμαθῶς; [c] οὐκ ἀμαθῶς; [c] οὐχ ὥς εἴωθεν; οὐ συνήγορον τῶν οἰκείων θεῶν καὶ παθῶν τὴν σὴν θεολογίαν ποιήσεται; εἰ γὰρ αὐτοὶ ταῖς φωναῖς ταύταις ἐπηρεάζομεν, σχολῇ γ' ἂν ἐκείνους πείσαιμεν φιλοσοφεῖν ἐν τοῖς ἡμετέροις· καὶ εἰ παρ' ἑαυτῶν εἰσὶν ἐφευρεταὶ κακῶν, πότε ἂν τῶν **διδομένων ἀπόσχονται**; ταῦτα ἡμῖν ὁ πρὸς ἀλλήλους πόλεμος. ταῦτα οἱ πλεῖον ὑπὲρ τοῦ Λόγου μαχόμενοι, ἢ ὅσον ἀρέσκει τῷ Λόγῳ, καὶ ταὐτὸν πάσχοντες τοῖς μαινομένοις, οἱ τοὺς ἰδίους οἴκους [d] **ἀνάπτουσιν**, ἢ τοὺς παῖδας [d] **σπαράττουσιν**, ἢ τοὺς γονέας [d] **περιωθοῦσιν**, ὥς ἀλλοτρίους νομίζοντες.

7. Ἐπεὶ δὲ [a] **ἀπεσκευασάμεθα** τοῦ λόγου τὸ ἀλλότριον, καὶ εἰς τὴν ἀγέλην τῶν χοίρων [a] **ἀπεπεμνήμεθα** τὸν πολὺν λεγεῶνα κατὰ βυθῶν χωρήσαντα, ὃ δευτέρον ἐστὶ τοῦτο ποιήσωμεν, πρὸς ἡμᾶς αὐτοὺς ἴδωμεν, καὶ ξέσωμεν εἰς κάλλος, ὥσπερ ἀνδριάντα, τὸν θεολόγον. ἐκεῖνο δὲ πρῶτον λογιώμεθα, τίς ἢ τοσαύτη περὶ τὸν λόγον [b] **φιλοτιμία** καὶ [b] **γλωσσαλγία**; τίς ἢ καινὴ νόσος **αὕτη καὶ ἀπληστία**; τί τὰς χεῖρας δήσαντες τὰς **γλώσσας** **ὥπλίσσαμεν**; οὐ [c] **φιλοξενίαν**

particulares? Pois se nós mesmos malversamos tais vocábulos⁶⁹, dificilmente persuadiríamos os outros a filosofar⁷⁰ entre os nossos; e se, de per si, eles são inventores de males⁷¹, como se absteriam **dos que se lhes dão**? Eis a nossa guerra intestina; eis os combatentes do Verbo mais do que apraz ao Verbo, e aos quais lhes passa o mesmo que aos orates, que [d] **incendeiam** a própria casa, ou [d] **trucidam** os filhos, ou [d] **enxotam** os pais, tomando-os por forasteiros.

7. Já que [a] **desembaraçamos** o discurso do que lhe é alheio, e [a] **despachamos** para a vara de porcos a enorme legião que se atira no abismo⁷², eis o que faremos, em segundo lugar: olhemo-nos a nós próprios, e lustremos o teólogo à perfeição, como uma estátua. Pensemos desde logo nisto: o que é esta discurseira [b] **vanglória** e [b] **logorreia**? Esta nova **doença e voracidade**? Por que, algemando as mãos, **temos armado as línguas**? Não incensamos a [c] **hospitalidade**? Não admiramos a [c] **fraternidade**, a [c] **humanidade**, a [c] **virgindade**, a [c] **caridade**? A salmodia, a vigília noturna, **as lágrimas**? Não castigamos **o corpo com jejuns**? Não peregrinamos rumo **a Deus pela oração**? Não submetemos o inferior ao superior, isto é, o pó ao espírito, como os que [d] julgam [d] **justamente este compósito**? Não

⁶⁹ Isto é, “geração de Deus” e “criação”.

⁷⁰ Gallay, 1978, p. 85, n. 2 explicita que, no tempo e contexto do Nazianzeno, os termos “filósofo” e “filosofar” significavam “o cristão em busca da perfeição” e “buscar cristãmente a perfeição”.

⁷¹ Rm 1,30.

⁷² Mc 5,9-13 e Lc 8,30-33.

ἐπαινοῦμεν; οὐ [c] φιλαδελφίαν, οὐ [c] φιλανδρίαν, οὐ [c] παρθενίαν, οὐ [c] πτωχοτροφίαν **θαυμάζομεν**; οὐ ψαλμωδίαν, οὐ πάννυχον **στάσιν**, οὐ **δάκρυον**; οὐ τὸ σῶμα **νηστείαις ὑποπιέζομεν**; οὐ δι' εὐχῆς πρὸς **θεὸν ἐκδημοῦμεν**; οὐ τῷ κρείττονι τὸ χεῖρον ὑποζεύγνυμεν, τὸν χοῦν λέγω τῷ πνεύματι, ὥς ἂν οἱ τῷ κράματι [d] **δικαίως** [d] **δικάζοντες**; οὐ μελέτην θανάτου τὸν **βίον ποιοῦμεθα**; οὐ τῶν παθῶν δεσπόται καθιστάμεθα, μεμνημένοι τῆς **ἄνωθεν εὐγενείας**; οὐ θυμὸν τιθασσεύομεν **ἐξοιδοῦντα καὶ ἀγριαίνοντα**; οὐκ ἔπαρσιν καταβάλλουσιν, οὐ [e] λύπην ἀλόγιστον, οὐχ [e] ἡδονὴν ἀπαίδευτον, οὐ [e] γέλωτα πορνικόν, οὐκ [e] ὄψιν ἄτακτον, οὐκ [e] ἀκοὴν ἄπληστον, οὐ [e] λόγον ἄμετρον, οὐ [e] διάνοιαν ἔκτοπον, οὐχ ὅσα παρ' ἡμῶν ὁ πονηρὸς καθ' ἡμῶν λαμβάνει, τὸν διὰ τῶν θυρίδων, ὥς ἡ γραφή φησιν, εἴτουν αἰσθητηρίων, εἰσάγων θάνατον; πᾶν μὲν οὖν τοῦναντίον, καὶ τοῖς ἄλλων πάθεσιν ἐλευθερίαν δεδώκαμεν, ὥσπερ οἱ βασιλεῖς τὰς ἐπινικίους ἀφέσεις, μόνον ἂν πρὸς ἡμᾶς νεύωσι, καὶ κατὰ θεοῦ φέρονται θρασύτερον ἢ εὐσεβέστερον· καὶ κακὸν οὐ καλοῦ πράγματος μισθὸν ἀντιδίδομεν, τῆς ἀσεβείας **τὴν παρρησίαν**.

8. **Καίτοιγε, ὦ διαλεκτικὲ καὶ λάλε**, ἐρωτήσω σέ τι μικρόν· Σὺ δὲ ἀποκρίναί, φησι τῷ Ἰωβ ὁ διὰ λαίλαπος καὶ **νεφῶν χρηματίζων**. πότερον πολλὰ

fazemos da vida **um exercício da morte**⁷³? Não nos constituímos em senhores das paixões, lembrados do nobre **nascimento desde o alto**⁷⁴? Não domesticamos a cólera **que impa e agasta**? A altanaria que derruba, o [e] luto irracional, o [e] prazer iletrado, o [e] riso impudico, o [e] olhar inordenado, o [e] ouvido insaciável, a [e] palavra imoderada, o [e] pensamento inconveniente, e quanto em nós toma o Maligno contra nós, introduzindo a morte “pelas janelas”⁷⁵, como diz a Escritura, ou seja, pelos sentidos? Não; muito pelo contrário, temos dado liberdade inclusive às paixões alheias, como os reis sua alforria pós-vitória, contanto que para nós se inclinem, e contra Deus se portem mais ousada que piedosamente; e rendemos mau penhor de não boa coisa – **total licença para a impiedade**.

8. **E, todavia, ó dialético** e palrador, te interrogarei um pouco; “e tu, responde”⁷⁶, diz a Jó quem entre tempestade e nuvens **proferia seus oráculos**. – Há muitas moradas junto a Deus, segundo ouves⁷⁷, **ou uma só**? – Muitas, concederás, sem dúvida, e **não uma só**. – É mister que todas se ocupem, ou umas sim, outras não, e assim as haja vazias e **preparadas debalde**? – Sim, todas, pois nenhuma **das criações de Deus é casual**. – Como, então, conceberás esta morada: poderias dizer-me? Não é lá como o repouso e

⁷³ Cf. Platão, *Fédon*, 81 a 1-2: τὸ δὲ οὐδὲν ἄλλο ἐστὶν ἢ ὁρθῶς φιλοσοφοῦσα καὶ τῷ ὄντι τεθνάναι μελετῶσα ῥαδίως· ἢ οὐ τοῦτ' ἂν εἴη μελέτη θανάτου; “O que outra coisa não é senão que [a alma] retamente filosofou e realmente se exercitou para morrer de bom grado – ou não seria isto um exercício da morte?”.

⁷⁴ Cf. Jo 3,3.

⁷⁵ Jr 9,20.

⁷⁶ Jó 38,3.

⁷⁷ Jo 14,2.

μοναὶ παρὰ τῷ Θεῷ, ὅπερ **ἀκούεις, ἢ μία**; πολλάί, δώσεις δηλαδή, **καὶ οὐ μία**. πότερον δὲ πληρωθῆναι δεῖ πάσας, ἢ τὰς μὲν, τὰς δὲ οὐ, ὡς εἶναι κενὰς καὶ **μάτην ἡτοιμασμένας**; ναὶ πάσας· οὐδὲν γὰρ εἰκῇ τῶν παρὰ **Θεοῦ γενομένων**. ταύτην δὲ ὃ τί ποτε θήσεις τὴν μονήν, ἔχους ἂν εἰπεῖν; ἄρα τὴν ἐκεῖθεν ἀνάπαυσίν τε καὶ δόξαν τὴν ἀποκειμένην τοῖς μακαρίοις, ἢ ἄλλο τι; οὐκ ἄλλο ἢ τοῦτο. ἐπειδὴ τοῦτο ὁμολογήσαμεν, κάκεῖνο προσεξετάσωμεν. ἔστι τι τὸ ταύτας προξενοῦν τὰς μονάς, ὡς ὁ ἐμὸς λόγος, ἢ οὐδέν; ἔστι πάντως. τί τοῦτο; τὸ διαφόρους εἶναι πολιτείας καὶ προαιρέσεις, καὶ ἄλλην ἀλλαχὺ φέρειν κατὰ τὴν ἀναλογίαν τῆς πίστεως, ὅπερ καὶ **ὁδοὺς ὀνομάζομεν**. πάσας οὖν ὁδευτέον, ἢ τινὰς τῶν ὁδῶν τούτων; εἰ μὲν οἷόν τε τὸν αὐτόν, πάσας· εἰ δὲ μή, ὅτι πλείστας· εἰ δὲ μή, τινάς· εἰ δὲ μηδὲ τοῦτο, μέγα κἂν εἰ μίαν διαφερόντως, ὡς γέ μοι φαίνεται. ὀρθῶς τοῦτο ὑπολαμβάνεις. τί οὖν; ὅταν ἀκούσης μίαν ὁδὸν εἶναι, καὶ ταύτην στενὴν, τί σοι φαίνεται δηλοῦν ὁ λόγος; μίαν μὲν διὰ τὴν ἀρετὴν· μία γάρ, κἂν εἰς πολλὰ σχίζεται· στενὴν δὲ διὰ τοὺς ἰδρῶτας καὶ τὸ μὴ πολλοῖς εἶναι βατὴν, ὡς πρὸς τὸ πλῆθος τῶν ἐναντίων καὶ ὅσοι διὰ τῆς **κακίας ὁδεύουσιν**. οὕτω κάμοι δοκεῖ. τί οὖν, ὦ βέλτιστε, εἶπερ τοῦτο οὕτως ἔχει, ὥσπερ τινὰ πενίαν καταγνόντες τοῦ ἡμετέρου λόγου, πάσας τὰς ἄλλας ὁδοὺς ἀφέντες, πρὸς μίαν ταύτην φέρεσθε καὶ ὠθεῖσθε τὴν διὰ λόγου καὶ θεωρίας, ὡς αὐτοὶ οἴεσθε, ὡς δὲ ἐγὼ φημι, [a] **ὁδολεσχίας καὶ** [a] **τεραπείας**; ἐπιτιμάτω Παῦλος ὑμῖν, τοῦτο πικρῶς

glória reservada aos bem-aventurados, ou algo distinto? – Não, é isso mesmo. – Uma vez que concordamos nisto, investiguemos também o seguinte: há o que nos acomode em tais moradas (que é o meu parecer), ou não? – Há sim, absolutamente. – O quê? – O haver diferentes costumes e escolhas, e cada qual conduzir a um lugar segundo a proporção da fé⁷⁸, **o que também chamamos vias**. – Há que andar em todas, ou em algumas dessas vias? – Se um e o mesmo puder, em todas; se não, na maioria, ou pelo menos em algumas; se nem isto, inda fora muito se numa só distintamente, segundo me parece. – Pensas corretamente. Mas, e então? Quando ouves que uma só é a via, e estreita⁷⁹, o que a palavra te parece indicar? – Que é só uma por causa da virtude, pois esta é uma só, mesmo que se divida em muitas; e é estreita pelos esforços e não ser palmilhada por multidões, em comparação com a pletora de contrários **e quantos andam no vício**. – Também acho. Se assim é, ó caríssimo, então por que, condenando a suposta carência do nosso discurso, e despedindo todas as outras vias, caminhaís numa única, e correis na do discurso e especulação⁸⁰, segundo o estimaís, mas, segundo o afirmo, **da [a] tagarelice e [a] charlatanice**? Que Paulo vo-lo censure; após a enumeração dos carismas, invectivando acrimoniosamente ele diz assim: “São porventura **todos apóstolos**? São **todos profetas**?”, e assim por diante.

⁷⁸ Rm 12,6.

⁷⁹ Mt 7,14.

⁸⁰ Trata-se do mesmo vocábulo θεωρία, que o Teólogo também usa no sentido de “contemplação”. Aplicado, porém, aos eunomianos, designa a especulação imoderada e inconveniente, apartada da verdadeira luz da fé e da prática da ascese e da mortificação.

ὄνειδιζων μετὰ τὴν ἀπαρίθμησιν τῶν χαρισμάτων,
ἐν οἷς φησί· Μὴ πάντες ἀπόστολοι; μὴ πάντες
προφηταί; καὶ τὰ ἐξῆς.

9. Ἔστω δέ· [a] ὑψηλὸς σύ, καὶ [a] ὑψηλῶν πέρα,
καὶ ὑπὲρ τὰς νεφέλας, εἰ βούλει, ὁ τῶν ἀθεάτων
θεατῆς, ὁ τῶν ἀρρήτων ἀκροατῆς, ὁ [b] μετὰ Ἡλίαν
[b] μετάρσιος, καὶ ὁ μετὰ Μωυσέα θεοφανείας
ἡξιωμένος, καὶ μετὰ Παῦλον οὐράνιος. τί καὶ τοὺς
ἄλλους αὐθήμερον πλάττεις ἁγίους, καὶ χειροτονεῖς
θεολόγους, καὶ οἷον ἐμπνεῖς τὴν παιδευσιν, καὶ
πεποίηκας λογίων ἀμαθῶν **πολλὰ συνέδρια**; τί τοῖς
ἀραχνίοις ὑφάσμασιν ἐνδεσμεῖς τοὺς
ἀσθενεστέρους, ὥς δὴ τι σοφὸν καὶ μέγα; τί
σφηκιᾶς ἐγείρεις κατὰ τῆς πίστεως; τί σχεδιάζεις
ἡμῖν διαλεκτικῶν ἀνάδοσιν, ὥσπερ οἱ μῦθοι πάλαι
τοὺς γίγαντας; τί τῶν ἀνδρῶν ὅσον κοῦφον καὶ
ἄνανδρον, ὥσπερ τινὰ συρφετόν, εἰς μίαν χαράδραν
συναγαγόν, καὶ κολακεῖα πλέον θηλύνας, καινὸν
ἀσεβείας ἐργαστήριον ἐδημιούργησας, οὐκ [c]
ἀσόφως τὴν [c] **ἄνοιαν αὐτῶν ἐκκαρπούμενος**;
Ἀντιλέγεις καὶ τούτοις; καὶ οὐδαμοῦ σοι τᾶλλα; καὶ
τὴν γλῶσσαν δεῖ δυναστεύειν πάντως, καὶ οὐ
κατέχεις τὴν ὥδινά τοῦ λόγου; ἔχεις καὶ ἄλλας

9. Mas seja: és [a] **sublime**, e além dos [a]
sublimes, e acima das nuvens, se queres, – o
espectador do invisível, o ouvinte do inefável, o
[b] **elevado** após [b] **Elias**⁸¹ e da teofania digno
após Moisés⁸² e celeste após Paulo⁸³! Ora, num
único dia moldas os outros em santos, e impões as
mãos sobre os teólogos, e como que lhes sopras a
instrução, e de doutos ignaros **tens feito muitos**
sinédrios? Por que enredas os mais fracos em teias
de aranha, como se tal fora sábio e grande? Por
que incitas vespeiros contra a fé? Por que nos
improvisas uma safra de dialéticos, como os
antigos mitos respectivamente aos gigantes⁸⁴? Por
que, recolhendo entre os homens quanto é vão e
inviril, como esgoto numa única canaleta, e
efeminando-o mais pela bajulação, fabricaste nova
oficina de impiedade, explorando **não** [c]
desabilmente sua [c] **demência**? Contradizes até
isso? E o resto pouco se te dá? E tua língua
acachapantemente há que vencer, e não reténs o
parto do discurso? Tens ainda vários outros e
honoráveis temas. Volve para aí, com lucro, a tua
perversão.

10. Eia, ataca o silêncio de Pitágoras⁸⁵, e as favas
órficas⁸⁶, e a mais nova gabolice **ao estilo “Ele**
falou”⁸⁷; ataca lá as ideias de Platão, e as
metensomatoses e períodos de nossas almas, e as

⁸¹ 2Rs 2,11 = LXX 4Rs 2,11.

⁸² Ex 33,18-23.

⁸³ 2Cor 12,2.

⁸⁴ Menção ao mito de Cadmo, que, semeando dentes de dragão, fez brotar do solo homenzarrões armados.

⁸⁵ Pitágoras impunha cinco anos de silêncio aos neófitos.

⁸⁶ Os cultos órficos – que se mesclaram a uma corrente do pitagorismo – proibiam o consumo de favas.

⁸⁷ Fórmula pitagórica de estrita observância e obediência aos ensinamentos do mestre.

ὑποθέσεις πολλάς τε καὶ φιλοτίμους. ἐκεῖ τρέψον μετὰ τοῦ χρησίου τὴν νόσον.

10. Βάλλε μοι Πυθαγόρου τὴν σιωπὴν, καὶ τοὺς κυάμους τοὺς Ὀρφικούς, καὶ τὴν περὶ τὸ Αὐτὸς ἔφα **καινοτέραν ἀλαζονείαν**. βάλλε μοι Πλάτωνος τὰς ιδέας, καὶ τὰς μετενσωματώσεις καὶ περιόδους τῶν ἡμετέρων ψυχῶν, καὶ τὰς ἀναμνήσεις, καὶ [a] τοὺς οὐ καλοὺς [a] διὰ τῶν καλῶν σωμάτων ἐπὶ ψυχὴν ἔρωτας· Ἐπικούρου τὴν [b] ἀθείαν, καὶ τὰς [b] ἀτόμους, καὶ τὴν [b] ἀφιλόσοφον ἡδονήν. Ἀριστοτέλους τὴν μικρολόγον πρόνοιαν, καὶ τὸ ἔντεχον, καὶ τοὺς θνητοὺς περὶ ψυχῆς λόγους, καὶ τὸ ἀνθρωπικὸν τῶν δογμάτων· τῆς Στοᾶς τὴν ὀφρύν, τῶν Κυνῶν τὸ λίχνον τε **καὶ ἀγοραῖον**. βάλλε μοι τὸ κενόν, τὸ πλήρες, τῶν ληρημάτων ὅσα περὶ θεῶν ἢ θυσιῶν, περὶ εἰδώλων, περὶ δαιμόνων ἀγαθῶν τε καὶ κακοποιῶν, ὅσα περὶ μαντείας, θεαγωγίας, ψυχαγωγίας, ἄστρον **δυνάμεως, τερατεύονται**. εἰ δὲ σὺ ταῦτα μὲν ἀπαξιοῖς λόγου, ὥς μικρά τε καὶ πολλάκις ἐληλεγμένα, περὶ δὲ τὰ σὰ στρέφη, καὶ ζητεῖς τὸ ἐν τούτοις φιλότιμον· ἐγὼ σοὶ κἀνταῦθα παρέξομαι πλατείας ὁδοῦς. φιλοσόφει μοι

anamneses, e [a] os nada belos amores d'alma [a] pelos belos corpos⁸⁸; o [b] ateísmo de Epicuro e os [b] átomos e o [b] antifilosófico prazer⁸⁹; a mesquinha providência de Aristóteles e o tecnicismo e os mortais discursos sobre a alma e o humano jaez de suas doutrinas⁹⁰; o sobrolho do Pórtico⁹¹, a cobiça e a **mundanidade dos Cães**⁹². Ataca, sim, o vácuo, o pleno, tanta léria de deuses ou reses, de ídolos, de demônios benéficos e maléficos, quanta de adivinhação, invocação de deuses e almas, **poder dos astros eles quimerizam**⁹³. Mas se os estimas indignos de discurso (como nugas amiúde confutadas), retornas para o que é teu, e procuras nele algo honorável, aí também vou te abrir largas vias. Filosofa já sobre o mundo ou mundos, sobre a matéria, sobre a alma, sobre as naturezas racionais – as melhores e as piores –, sobre a ressurreição, o juízo, a retribuição, os padecimentos de Cristo. Pois aqui o acertar não é inútil, e o errar, inofensivo⁹⁴. E toparemos, parcamente por ora, mas, pouco depois, oxalá mais cabalmente, no próprio Jesus Cristo

⁸⁸ A despeito da notória – e, de resto, importante e incontornável – influência platônica no cristianismo, em geral, e na teologia cristã, em particular, Gregório enumera, aqui, doutrinas platônicas condenáveis ou discutíveis, do ponto de vista cristão. O caso de Orígenes – cujo platonismo incorreu em anátema – é paradigmático, neste sentido.

⁸⁹ Isto é, o materialismo e o eudemonismo epicureus.

⁹⁰ Lembre-se que a grande síntese entre cristianismo e aristotelismo só seria levada a cabo depois do séc. XII, e mais particularmente no Ocidente latino.

⁹¹ Isto é, os estoicos.

⁹² Isto é, os cínicos.

⁹³ Trata-se, aqui, de doutrinas de Demócrito e sua escola.

⁹⁴ Só se entende que um erro, em tais assuntos, seria inofensivo, se quem “filosofa” sobre eles procura sinceramente compreendê-los e explicá-los à luz da fé, e, pois, comete um deslize não intencional, respectivamente a característicos secundários, não à substância mesma do que diz. Cf. comentário *ad hoc* de Norris, 1991, p. 103: “Gregory indeed may have seen many theological speculations as inconsequential. Because revelation is not subject, at its deepest levels, to logical proof, a number of issues in theology cannot be harmed by amateurish logical treatment”.

περὶ κόσμον ἢ κόσμων, περὶ ὕλης, περὶ ψυχῆς, περὶ λογικῶν φύσεων βελτιόνων τε καὶ χειρόνων, περὶ ἀναστάσεως, κρίσεως, ἀνταποδόσεως, Χριστοῦ παθημάτων. ἐν τούτοις γὰρ καὶ τὸ ἐπιτυγχάνειν οὐκ ἄχρηστον, καὶ τὸ διαμαρτάνειν ἀκίνδυνον. θεῷ δὲ ἐντευζόμεθα, νῦν μὲν ὀλίγα, μικρὸν δὲ ὕστερον ἴσως τελεώτερον, ἐν αὐτῷ Χριστῷ Ἰησοῦ τῷ κυρίῳ ἡμῶν, ᾧ ἡ δόξα εἰς τοὺς αἰῶνας· ἀμήν.	Senhor nosso, cuja é “a glória pelos séculos”⁹⁵, amém.
---	--

Referências

- ALLEN, W. S. **Accent and rhythm**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- ALLEN, W. S. **Vox graeca**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- AVIZ, D. A. de. “Uma alma em dois corpos”: A amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração 43, 14-24 de São Gregório de Nazianzo. Dissertação (Mestrado em Teologia). PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33731/33731.PDF>
- BEELEY, C. A. (ed.) **Re-Reading Gregory of Nazianzus**. Washington: The Catholic University of America Press: 2012.
- BEELEY, C. A. **Gregory of Nazianzus on the trinity and the knowledge of God**. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- BENTO XVI. Audiência Geral, quarta-Feira, 8 de agosto de 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070808.html (Acesso em 30 de outubro de 2025.)
- BERNARDES, M. **Nova floresta**. 5 volumes. Lisboa: Lello & Irmão, 1949.
- BERNOULLI, C. A. (ed.) **Hieronymus und Gennadius De viris inlustribus**. Leipzig: J. C. B. Mohr, 1895.
- BÍBLIA SAGRADA. 16 volumes. Trad. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Editora das Américas, 1950.
- CARVALHO, M. M. de. **Paideia e retórica no séc. IV d.C. – A construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno**. São Paulo: Annablume, 2010.

⁹⁵ Ap 1,6.

CARVALHO, M. M. de. **Paideia, retórica e uma nova abordagem sobre Contra Juliano de Gregório Nazianzeno**. Dimensões, vol. 16, pp. 189-201, 2004.

CARVALHO, M. M. de. **Paideia e retórica no séc. IV d.C. – A construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno**. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CHENU, M.-D. **Introduction à l'étude de saint Thomas d'Aquin**. Paris: J. Vrin, 1950.

CICERO. **On Invention. The Best Kind of Orator. Topics**. Translated by H. M. Hubbell. Loeb Classical Library 386. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1949.

CICERO. **Brutus. Orator**. Translated by G. L. Hendrickson, H. M. Hubbell. Loeb Classical Library 342. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1939.

CONLEY, T. M. Gregory Nazianzus in Sikeliotes' Scholia on Hermogenes' Περὶ ἰδεῶν. **Illinois Classical Studies**, vol. 27/28, pp. 145-152, 2002-2003.

CORBELLINI, V. **A trindade na visão de Gregório de Nazianzo**. Kairós – Revista Acadêmica da Prainha, Ano III/1, pp. 9-20, jan.-jun. 2006.

DEWING, H. B. The origin of the accentual prose rhythm in Greek. **The American Journal of Philology**, vol. 31, nº 3, pp. 312-328, 1910.

ENGELBRECHT, A. (ed.) **Tyranni Rufini orationum Gregorii Nazianzeni novem interpretatio**. Lipsiae: G. Freytag, 1910.

FOCKEN, J. **De Gregorii Nazianzeni orationum et carminum dogmaticorum argumentandi ratione**. Numburgi Saxonum: H. Dieling, 1912.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 2004.

GALLAY, P. (ed.) **Grégoire de Nazianze. Discours 27-31 (Discours Théologiques)**. Paris : Les Éditions du Cerf, 1978.

S. GREGÓRIO DE NAZIANZO. **Autobiografia**. Trad. Diogo Chiuso. Campinas: Ecclesiae, 2012.

S. GREGÓRIO DE NAZIANZO. **Discursos Teológicos**. Trad. Monja da Abadia de N. Senhora das Graças. Petrópolis: Vozes, 1984.

GUIGNET, M. **Saint Grégoire de Nazianze et la rhétorique**. Paris: Alphonse Picard et Fils, 1911.

HOFER, A. **Christ in the life and teaching of Gregory of Nazianzus**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Fides et Ratio: sobre as relações entre Fé e Razão.** São Paulo: Loyola, 1998.

KENNEDY, G. A. **Greek rhetoric under Christian emperors.** Princeton: Princeton University Press, 1983.

LEVY, P. **Michaelis Pselli De Gregorii theologi caractere judicium; accedit eiusdem De Joannis Chrysostomi caractere judicium ineditum.** Lipsiae: Typis Roberti Noske Bornensis, 1912.

MCGUCKIN, J. A. **St Gregory of Nazianzus: an intellectual biography.** New York: St Vladimir's Seminary Press, 2001.

MIGNE, J.-P. (ed.) **Patrologia Graeca XXXVI: S. Gregorius Nazianzenus. Tomus Secundus.** Paris: Apud J.-P. Migne Editorem, 1858.

NOGUEIRA, É. **Geoffrey Hill's Sapphics: a translator's perspective.** International Journal of the Classical Tradition, 29, pp. 214-230, 2022.

NOGUEIRA, É. **O esmeril de Horácio: ritmo e técnica do verso em português.** São Paulo: Filocalia, 2020.

NORDEN, E. **Die Antike Kunstprosa. Vom VI. Jahrhundert v. Chr. bis in die Zeit der Renaissance.** 2 Bd. Leipzig: Teubner, 1898.

NORRIS, F. W. **Faith gives fullness to reasoning: the five Theological Orations of Gregory Nazianzen.** Leiden: Brill, 1991.

OBERHELMAN, S. M. The history and development of the cursus mixtus in Latin Literature. **The Classical Quarterly**, vol. 38, nº 1, pp. 228-242, 1988.

RUETHER, R. R. **Gregory of Nazianzus: rhetor and philosopher.** Oxford: Clarendon Press, 1969.

SPINELLI, M. **O platonismo de Gregório de Nazianzo e o viés aristotélico de suas teses teológicas.** Revista Portuguesa de Filosofia, t. 58, fasc. 1, Fé e Razão & Outros Ensaio, pp. 43-63, jan.-mar. 2002.

SILVA, M. F. da. **A linguagem trinitária de Gregório Nazianzeno.** Estudos Teológicos. São Leopoldo, v. 54, n. 2, pp. 218-229, jul.-dez. 2014.

PLAGNIEUX, J. **Saint Grégoire de Nazianze théologien.** Paris: Éditions Franciscaines, 1948.

PLATONE. **Simposio, Apologia di Socrate, Critone, Fedone.** A cura di Enzo Savino. Testo originale a fronte. Milano: Mondadori, 1987.

VALIAVITCHARSKA, V. **Rhetoric and rhythm in Byzantium.** Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

VIEIRA, A. Obras Escolhidas. Volume XII. Sermões (III). Com prefácios e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1954.

WAY, A. C. **Gregorius Nazianzenus**. Washington: Catholic University of America Press, 1971.

WILAMOWITZ-MÖLLENDORFF, U. v. **Asianismus und Atticismus**. Hermes, 35. Bd., H. 1, pp. 1-52, 1900.

Recebido em: 10/10/2025
Aprovado em: 16/04/2026